

PROBLEMAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA NOS POEMAS “A BOMBA SUJA” E “UMA NORDESTINA”, DE FERREIRA GULLAR

Andressa de Lara Bezerra Moura (UESPI)¹

Bruno Marques Duarte (UESPI)²

RESUMO: este artigo analisa como os termos resistência, fome, desigualdade social e exclusão social estão representados nos poemas “A bomba suja” e “Uma nordestina”, de Ferreira Gullar. A poesia social é uma vertente de estudos da literatura que versa sobre temas de cunho político e social, expondo questões relacionadas a injustiças ou abusos de poder em uma sociedade. Os poemas analisados denunciam a exploração da população brasileira a quem são negados direitos fundamentais, o silenciamento da sociedade e a falta de políticas públicas em regiões menos favorecidas. O método analítico dá-se mediante a contribuição dos autores: Paz (1956), Candido (1965), Adorno (1973) e Bosi (2002). Constata-se que os poemas elegidos reafirmam o compromisso do poeta com a representação da realidade e dos problemas sociais que assolam a sociedade vigente. Sob esse viés, verifica-se que a poesia social de Gullar é capaz de causar efeitos no leitor, possibilitando que este reflita sobre suas atitudes e conduta moral diante de problemas sócio-históricos. Os antivalores retratados nos poemas são pontos relevantes para serem refletidos e discutidos diante do cenário atual brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Desigualdade social; Resistência; Sociedade; Fome.

Abstract: this article analyzes how the terms resistance, hunger, social inequality and social exclusion are represented in the poems “The dirty bomb” and “A northeastern”, by Ferreira Gullar. Social poetry is a branch of literature studies that deals with political and social themes, exposing issues related to injustices or abuses of power in a society. The poems analyzed denounce the exploitation of the Brazilian population who are denied fundamental rights, the silencing of society and the lack of public policies in less favored regions. The analytical method was given through the contribution of the authors: Paz (1956), Candido (1965), Adorno (1973) and Bosi (2002). It appears that the chosen poems reaffirm the poet's commitment to the representation of reality and the social problems that plague the current society. Under this bias, it appears that Gullar's social poetry is capable of causing effects on the reader, enabling him to reflect on his attitudes and moral conduct in the face of socio-historical problems. The anti-values portrayed in the poems are relevant points to be reflected and discussed in view of the current scenario Brazilian.

Keywords: Poetry; Social inequality; Resistance; Society; Hunger.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar a representação dos problemas sociais que permanecem atuais na sociedade brasileira e a resistência por meio da conscientização apresentada na poesia

¹ Graduanda de Licenciatura Plena em Letras- Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: andressalarabm@gmail.com

² Mestre e Doutor em Letras Português, área de História da Literatura, todos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor adjunto dedicação exclusiva do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

social de Ferreira Gullar. Nesta pesquisa, serão analisados os poemas “A bomba suja”, presente na obra *Dentro da noite veloz* (1975), e “Uma nordestina”, em *Barulhos* (1987). O objetivo central deste estudo será voltado para a representação da problemática mencionada anteriormente, e para a conscientização extraída através da leitura dos poemas elegidos. Deste modo, examinam-se a estrutura de composição, os níveis lexicais, sintáticos e semânticos, bem como constata-se os valores e antivalores.

Por meio da arte, a lírica social transforma a palavra em um objeto de denúncia. Um dos poetas mais renomados desta manifestação artística é Ferreira Gullar. O autor produz uma poesia engajada, carregada de tensões ideológicas que pretendem evidenciar as mazelas da sociedade. A obra *Dentro da noite veloz* reúne 41 poemas, os quais foram escritos entre 1962 e 1975, que abordam temas que versam acerca da desigualdade social, fome, ditadura militar e opressão. Ademais, o título do livro faz menção a um dos poemas escritos que apresentam a história do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara, ressaltando o caráter político de sua produção literária.

Além do mais, em *Barulhos* percebe-se que o poeta está mais sensibilizado e envolvido com temáticas que discutem a morte, saudades dos amigos perdidos, bem como disparidades sociais. Desse modo, a pesquisa se justifica em compreender o papel que a poesia possui perante a sociedade, buscando apontar os problemas sociais que permanecem atuais na sociedade brasileira, principalmente após o período da pandemia covid-19 e da ameaça constante de golpe militar nas eleições de 2022.

Em virtude disso, a atividade poética é imprescindível para a formação crítica do leitor, enfatizando a visibilidade de temas que ainda são pertinentes na sociedade atual. Assim, a conscientização da população acerca da resistência presente nos poemas “A bomba suja” e “Uma nordestina” de Ferreira Gullar, é indispensável tanto para formação de uma leitura mais ampla, como também crítica. O presente trabalho também contribuirá de maneira significativa para a fortuna crítica do autor.

Em síntese, a estrutura do artigo está organizada em tópicos e subtópicos. Inicialmente será apresentada a introdução, já em realização. Em seguida, na primeira parte, tem-se os principais estudos teóricos acerca do conceito de poesia, da definição do sistema literário e dos aspectos sociais que auxiliam no estudo da relação da vida artística e social. Além disso, a compreensão do poema lírico como produção artística e social, bem como o conceito de resistência, valores e antivalores. Na segunda parte, apresentam-se vida e obra do poeta Ferreira Gullar e a análise dos poemas elegidos. Por fim, a conclusão.

1 POESIA, SOCIEDADE E RESISTÊNCIA

Tendo em vista que o trabalho analisa poemas que evidenciam a relação entre poesia e sociedade, realiza-se aqui uma breve sistematização dos principais teóricos que estudaram o conceito de poesia e a relação da lírica com a sociedade. Ademais, por se tratar de uma produção literária que retrata temas de cunho político e social, faz-se um apanhado teórico acerca da compreensão do conceito de resistência, assim como de valores e antivalores.

1.1 POESIA E SOCIEDADE

Para entender o conceito de poesia definido por Octavio Paz, é necessário analisar sua obra *O arco e a lira* (1956), que apresenta as características do poema associado à história e a relação do poeta com a poesia. Ademais, o autor faz reflexões acerca da literatura pela perspectiva da poesia a qual possui um papel fundamental para a revelação da condição humana. Conforme o autor, “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro” (PAZ, 2002, p. 21).

Segundo o autor, a atividade poética manifesta a representação histórica de raças, nações e classes, estabelecendo novas regras e proporcionando ensinamentos da cultura de um povo. Paz considera a poesia, “filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar de uma forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras [...] voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário” (PAZ, 2002, p. 21).

Outro ponto importante do texto é a relação entre poesia e história. De acordo com o autor, o poeta transcende a linguagem e a história, “portanto, a leitura de um único poema nos revelará com mais certeza que qualquer pesquisa histórica ou filológica o que é a poesia” (PAZ, 2002, p. 32). Além do mais, ao mesmo tempo que o poema é histórico, ele nega a história, pois, a palavra poética por ser histórica faz parte de um povo e possui dois sentidos importantes: ser um produto social e ser anterior à existência de uma sociedade. Dessa forma, tem a capacidade de apresentar uma sociedade em sentido real e, concomitantemente, existencial. (PAZ, 2002, p. 192).

O poeta escreve para si e para o mundo, pois proporciona ao leitor a capacidade de visualizar o texto de forma diferente, como se fosse uma imagem. Deste modo, o contato com a experiência poética proporciona a descoberta da condição humana, a capacidade de visualizar o que está implícito no texto e revelar significados que vão além das palavras. Assim, o gênero

lórico tem a capacidade de consagrar um momento. Este poderá se repetir em um outro instante, no entanto, não deixará de ser irredutível tendo em vista que ao ser tocado pela poesia, se tornará eterno. Segundo Paz:

O poema traça uma linha que separa da corrente temporal o instante privilegiado: nesse aqui e nesse agora começa algo: um amor, um ato heroico, uma visão da divindade, um momentâneo assombro diante daquela árvore ou diante da testa de Diana, lisa como uma muralha polida. Esse instante é ungido com uma luz especial: ele foi consagrado pela poesia, no melhor sentido da palavra consagração (PAZ, 2002, p. 192-193).

Em suma, para Paz a poesia possui a capacidade de transformar o mundo, pois, proporciona a libertação interior. Observa-se que o poema é um instrumento social indispensável tanto para a sociedade, como também para a formação de um leitor/cidadão crítico. Assim, “toda vez que o leitor revive de verdade o poema, atinge um estado que podemos chamar de poético. Tal experiência pode adquirir esta ou aquela forma, mas é sempre um ir além de si, um romper os muros temporais para ser outro” (PAZ, 2002, p. 33).

Antonio Candido, em *Literatura e sociedade* (1965), analisa os aspectos sociais que auxiliam no estudo da relação entre a vida artística e social em diferentes situações. A literatura é definida como produto social que sofre influências do meio. Este, conforme o autor, também influencia nas obras. Assim, existem duas tendências modernas que objetivam estudar como a arte influencia o meio: a primeira está relacionada à medida em que a arte expressa a sociedade, e a segunda em analisar o conteúdo social das obras. Estas tendências reafirmam a importância da arte como produto social, pois ocasionam no leitor uma espécie de efeito prático responsável por modificar sua conduta, compreensão de mundo e sensibilidade diante de questões e valores sociais (CANDIDO, 2006, p. 28-29).

Além do mais, Candido afirma que a sociologia moderna deveria ir além dos estudos e teorias mecanicistas, procurando informar mais sobre as perspectivas do fenômeno artístico. É interessante analisar as influências que os fatores socioculturais exercem de acordo com a estrutura social, os valores e ideologias, e as técnicas de comunicação. Conforme o autor, “estes marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas, d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO, 2006, p. 30).

Dessa forma, segundo o crítico, não é necessário que a produção seja separada de sua criação, pois a sociologia entende a obra como uma comunicação inter-humana que necessita da presença de um comunicante, ou seja o artista; um comunicado, a obra; e um comunicando,

o qual é o público leitor. Assim, por ter a finalidade de ser comunicação expressiva, a arte não está presa apenas às experiências do artista, ela vai em busca de informações mais amplas que incluem todas as partes do processo comunicativo (CANDIDO, 2006, p. 31).

Outro ponto importante é a definição do sistema literário autor-obra-público que marca momentos importantes para a realização da obra. O primeiro elemento a ser estudado é a posição individual do artista. Esta só passa a ser entendida como social a partir do momento em que surgem necessidades coletivas que qualificam aquele indivíduo como especial, ou seja, um ser que desempenha atividades diferentes dos demais e destaca-se em determinado grupo. Conforme o autor,

Em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (CANDIDO, 2006, p. 35).

No que se refere à obra, esta depende do artista e da sua posição na escala social. Os fatores sociais desempenham o papel de definir sua produção. Os valores e ideologias ficam encarregados dos conteúdos das obras, enquanto o sistema de comunicação, de sua forma. De acordo com o autor: “o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável” (CANDIDO, 2006, p. 40).

O último componente da análise de Candido é o público. Este dá sentido a obra, ou seja, é a figura idealizada pelo escritor no momento de sua criação proporcionando a junção entre o autor e sua produção. A obra estabelece um vínculo entre o autor e o público, e o autor encontra-se como mediador entre a obra, que criou, e o público, o qual deseja alcançar. Dessa forma, é de extrema importância que estes elementos estejam conectados, tendo em vista que eles são essenciais para a realização da análise dos aspectos literários/artísticos e sociais, e para a compreensão de algumas obras em seu processo de criação, ou formação.

1.2 LITERATURA E RESISTÊNCIA

Para analisar a relação entre lírica e sociedade, o teórico Theodor Adorno aponta aspectos importantes em *Notas de literatura I* (1973). Conforme o autor, o poema vai além de

expressão de sentimentos ou experiências de quem o escreve, pois o conteúdo contido em um poema abrange situações sociais, as quais estão responsáveis por sua universalização. Dessa forma, mesmo que o poeta pense e escreva de forma individualizada, sua produção alcança o universal, assim, o individual passa a ser coletivo e social: “a composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal” (ADORNO, 2003, p. 66).

De acordo com o autor, para entender um poema é necessário escutá-lo em sua solidão, ouvir a voz da humanidade e sentir aquilo que ele almeja representar. Ademais, o entendimento da lírica e das demais obras de arte são mediadas pelo autor. Este transmite conteúdos que abordam acerca do “todo” em uma sociedade contraditória e composta por diferentes ideias. Para Adorno, a leitura da lírica deve ser imanente e atingir teor social. Assim, a poesia dialoga com o social, apresentando conceitos de sua produção artística (ADORNO, 2003, p. 67).

Dessa forma, a lírica é entendida como social na medida em que denuncia e protesta contra situações desagradáveis em que muitos indivíduos estão inseridos. Segundo Adorno, a lírica não pode ser distanciada da existência, pois a situação social em que se insere possui a capacidade de apresentar o novo sentido desta. Assim sendo: “implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva, uma situação que se imprime em negativo na configuração lírica” (ADORNO, 2003, p. 69). Deste modo, para o autor, há na lírica uma idiosincrasia como forma de reagir contra a influência das coisas:

A idiosincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida (ADORNO, 2003, p. 69).

Em virtude disso, Adorno busca retirar a lírica da individualidade e atribuir a ela um aspecto social. Em síntese, o vínculo entre lírica e sociedade “faz da linguagem o meio em que o sujeito se torna mais do que apenas sujeito” (2003, p. 77). Portanto, o poema lírico precisará ser atemporal, histórico e social, para que seja compreendido como produção artística social. Assim, será estabelecida a relação entre lírica e sociedade.

Ampliando a discussão, o crítico brasileiro Alfredo Bosi analisa a manifestação da resistência na literatura, em sua obra *Literatura e resistência* (2002). Para Bosi, o conceito da palavra resistência é ético e não estético, visto que resistir é ser contrário à vontade alheia. O crítico menciona que a ideia de resistência pode ser produzida de duas maneiras as quais não se excluem: a resistência como tema e a resistência inerente à escrita (BOSI, 2002, p. 118-120).

No que se refere aos valores, Bosi afirma que: “o homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz quando é movido por valores” (2002, p. 120). Assim, os valores são entendidos como objetos da intencionalidade da vontade, pois estes encontram-se no fim da ação como seu objetivo, e no início desta como sua motivação. Os valores também são definidos como opostos combatentes dos antivalores. São exemplos de valores e antivalores: liberdade e despotismo, coragem e covardia, sinceridade e hipocrisia, entre outros (BOSI, 2002, p. 120).

O autor afirma que os valores e antivalores não são abstratos, visto que todo ser humano os possui de maneira absoluta. No entanto, para os artistas a representação destes surge de forma mais intensa, pois possuem uma fisionomia: “os poetas os captam e os exprimem mediante imagens, figuras, timbres de vozes, gestos, formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou pressentimos no outro” (BOSI, 2002, p. 120). Conforme o crítico, para o homem o “valor” tem compromisso com a representação da verdade, entretanto, na escrita ele é trabalhado com algo além da verdade, ou seja, com o imaginário. Assim, tem-se representações do bem e do mal. (BOSI, 2002, p. 120- 121).

Para compreender a resistência como tema, é necessário recorrer ao entendimento da palavra resistência e suas aproximações com a cultura, a arte e a literatura. De acordo com o autor, esses termos surgiram entre 1930 e 1950. Durante esse período vários artistas lutaram contra o fascismo e o nazismo. O leitor do pós-guerra passa a visualizar a escrita como substância cognitiva e ética da linguagem: “a escrita ficcional teria passado a ser uma variante e, não raro, uma transcrição do discurso político ou da linguagem oral, de preferência popular” (BOSI, 2002, p. 125-126).

A resistência como forma imanente da escrita é o segundo aspecto de manifestação de resistência presente na literatura. Esta é independente de qualquer ideologia política e cultural, visto que dentro de cada escritor encontra-se uma tensão interna a qual faz com que a escrita se torne resistente por meio desta, e não apenas como tema. Conforme Bosi: “a escrita resistente decorre de um *a priori* ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso” (2002, p. 129-130).

Por conseguinte, o autor acrescenta informações acerca do conceito de tensão que se encontra implícito na ideia de resistência: “chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita” (BOSI, 2002, p. 130- 135). A escrita resistente pretende revelar a vida como ela é, sem ideologias, e retoma aquilo que em algum momento foi silenciado por medo ou pudor. Assim, o autor compreende a literatura como elemento essencial para a descoberta da vida em seu sentido real.

2 ANÁLISE DOS POEMAS “A BOMBA SUJA” E “UMA NORDESTINA”

A partir dos conceitos e pressupostos teóricos sistematizados anteriormente, realizam-se neste tópico as análises dos poemas “A bomba suja” e “Uma nordestina”, de Ferreira Gullar. Os subtópicos organizados referentes ao seguimento analítico desta parte do artigo se dividem da seguinte forma: Ferreira Gullar (1930-2016): vida e obra; análise do poema “A bomba suja” e do poema “Uma nordestina”.

2.1 FERREIRA GULLAR (1930-2016): VIDA E OBRA

José de Ribamar Ferreira, conhecido por seu pseudônimo Ferreira Gullar, nasceu em São Luís do Maranhão em 10 de setembro de 1930. Foi poeta, crítico de arte e ensaísta brasileiro. Iniciou sua carreira de escritor aos 18 anos, passando a assinar “Ferreira Gullar” em suas produções literárias. Seu primeiro livro de poesias publicado foi *Um pouco acima do chão* (1949). Aos vinte e um anos mudou-se para o Rio de Janeiro onde colaborou de forma significativa em jornais e revistas. Após a publicação da obra *A luta corporal* (1954), o autor rompeu com o movimento concretista e passou a liderar o grupo neoconcretista, em 1959. Este grupo tinha como objetivo propor uma arte mais libertária, totalmente contra o racionalismo exacerbado da “arte pela arte” em que se pautavam os concretistas da época.

A seguir, Gullar filiou-se ao partido comunista e foi exilado, clandestinamente, para outros países durante o período da Ditadura Militar (1964-1985). Fez parte do Centro Popular de Cultura (CPC), do qual era presidente, e da UNE (União Nacional dos Estudantes), durante o acontecimento do golpe militar em 1964. Quando ainda estava no exílio, o autor escreveu *Poema sujo* (1976), uma de suas obras mais consagradas. Este poema tem quase cem páginas e foi publicado e traduzido em outras línguas. A poesia de Gullar proporciona reflexões acerca da importância moral de resistir contra a injustiça social e a opressão, embora não deixe de tratar sobre temas que envolvem questões líricas e existências.

Quanto a seu retorno ao Brasil em 1977, foi preso e torturado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Após uma pressão internacional, o poeta foi libertado e voltou a trabalhar na imprensa do Rio de Janeiro. Gullar também teve contribuições artísticas no teatro. Após o golpe militar, reuniu alguns grupos de jovens dramaturgos e fundou o Teatro Opinião, o qual foi muito importante para a compreensão da resistência democrática contra o regime

autoritário. Em 2010, recebeu o “Prêmio Camões” e em 2014 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira nº 37.

Gullar faleceu em 4 de dezembro de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, aos 86 anos. O poeta possui uma vasta produção literária. Escreveu poemas, contos, crônicas, ensaios, memórias, biografias, dramaturgias e críticas. Suas principais obras são: *Um pouco acima do chão* (1949); *A luta corporal* (1954); *Poemas* (1958); *Teoria do não-objeto* (1959); *João Boa Morte*, *Cabra marcado pra morrer* (1962); *Cultura posta em questão* (1964), *Dentro da noite veloz* (1975); *Poema sujo* (1976); *Uma luz no chão* (1978); *Na vertigem do dia* (1980); *Sobre a arte* (1984); *Etapas da arte contemporânea* (1985); *Barulhos* (1987); *Indagações de hoje* (1989); *Argumentação contra a morte da arte* (1993); *Muitas vozes* (1999); *Um gato chamado gatinho* (2005), *Resmungos* (2007); *Em alguma parte alguma* (2010); *Auto biografia poética e outros textos* (2016).

2.2 FOME E DESIGUALDADE SOCIAL EM “A BOMBA SUJA”

O poema “A bomba suja”, de Ferreira Gullar, compõe o livro *Dentro da noite veloz* (1975). A obra reúne 41 poemas que abordam temáticas voltadas para a desigualdade social, fome, ditadura militar e opressão. Dessa forma, para melhor aproveitamento interpretativo cito o poema na íntegra:

A bomba suja

1. Introduzo na poesia
2. a palavra diarreia.
3. Não pela palavra fria
4. mas pelo que ela semeia.

5. Quem fala em flor não diz tudo.
6. Quem me fala em dor diz demais.
7. O poeta se torna mudo
8. sem as palavras reais.

9. No dicionário a palavra
10. é mera ideia abstrata.
11. Mais que palavra, diarreia
12. é arma que fere e mata.

13. Que mata mais do que faca,
14. mais que bala de fuzil,
15. homem, mulher e criança
16. no interior do Brasil.

17. Por exemplo, a diarreia,

18. no Rio Grande do Norte,
19. de cem crianças que nascem,
20. setenta e seis leva à morte.

21. É como uma bomba D
22. que explode dentro do homem
23. quando se dispara, lenta,
24. a espoleta da fome.

25. É uma bomba-relógio
26. (e relógio é o coração)
27. que enquanto o homem trabalha
28. vai preparando a explosão.

29. Bomba colocada nele
30. muito antes dele nascer;
31. que quando a vida desperta
32. nele, começa a bater.

33. Bomba colocada nele
34. pelos séculos de fome
35. e que explode em diarreia
36. no corpo de quem não come.

37. Não é uma bomba limpa:
38. é uma bomba suja e mansa
39. que elimina sem barulho
40. vários milhões de crianças.

41. Sobretudo no Nordeste
42. mas não apenas ali,
43. que a fome do Piauí
44. se espalha de leste a oeste.

45. Cabe agora perguntar
46. quem é que faz essa fome,
47. quem foi que ligou a bomba
48. ao coração desse homem.

49. Quem é que rouba a esse homem
50. o cereal que ele planta,
51. quem come o arroz que ele colhe
52. se ele o colhe e não janta.

53. Quem faz café virar dólar
54. e faz arroz virar fome
55. é o mesmo que põe a bomba
56. suja no corpo do homem.

57. Mas precisamos agora
58. desarmar com nossas mãos
59. a espoleta da fome
60. que mata nossos irmãos.

61. Mas precisamos agora

62. deter o sabotador
63. que instala a bomba da fome
64. dentro do trabalhador.

65. E sobretudo é preciso
66. trabalhar com segurança
67. pra dentro de cada homem
68. trocar a arma da fome
69. pela arma da esperança.
(GULLAR, 1975, p. 22-24)

No referido poema, percebe-se a estruturação de sessenta e nove versos organizados em 18 estrofes. Os versos foram compostos em redondilha maior, com a presença de rimas. Há predominância da figura de linguagem metáfora em todo o poema, por começar pelo título “A bomba suja” que na linguagem denotativa significa armamento de dispersão que faz uso de material radioativo combinado com explosivos convencionais.

Em virtude disso, a expressão “bomba suja” faz referência a algo desagradável que remete a dor e a fome, proporcionando ao leitor reflexões de um fato concreto e atemporal presente na sociedade brasileira. O eu lírico expresso na poesia de Gullar é reflexivo, indagador e consciente do fazer literário. A representação da realidade brasileira passa a ser foco principal do poema. Surge então o poema anti-heroico, denunciador, como observa-se nos primeiros quatro versos: “Introduzo na poesia/ a palavra diarreia/ Não pela palavra fria/ mas pelo o que ela semeia”. O eu lírico pretende provocar o leitor a respeito do porquê introduzir na poesia essa palavra quase antilírica que traz consigo uma carga semântica negativa, e que normalmente não aparece nos textos poéticos.

Na segunda estrofe: “Quem fala em flor não diz tudo./ Quem me fala em dor diz demais./ O poeta se torna mudo/ sem as palavras reais”. Nota-se uma crítica direcionada a todos os poetas que se distanciam da realidade em seus textos, pois falar em “flor” é muito comum. Esta é a representação do belo presente na maioria dos poemas. Falar em “dor” é dizer excessos de subjetividade. Diante disso, o poeta evoca a crítica social, a realidade. Conforme Adorno, o poema abrange situações sociais responsáveis por sua universalização, visto que vai além de expressões de sentimentos ou experiências.

Sob esse viés, a lírica é social na medida em que protesta contra situações desagradáveis. O eu lírico de “A bomba suja” objetiva se distanciar da individualidade e atribuir à poesia um aspecto social. Em: “No dicionário a palavra/ é mera ideia abstrata/ mais que palavra, diarreia/ é arma que fere e mata”. A palavra diarreia é apresentada tanto em seu sentido denotativo, como também estabelece uma relação de sentido metafórico quando assume a função de “arma” e “bomba”.

Nas estrofes seguintes: “Bomba colocada nele/ muito antes dele nascer/ que quando a vida desperta/ nele começa a bater/ “Bomba colocada nele/ pelos séculos de fome/ e que explode em diarreia no corpo de quem não come”, ele quer transmitir sua inquietação diante da realidade que está sendo representada no poema. A diarreia simboliza a dor física e mental que a fome causa em milhares de pessoas que vivem em situações precárias.

O poeta consegue eternizar por meio do poema um problema social histórico brasileiro vivenciado atualmente. De acordo com Paz, a poesia proporciona a descoberta da condição humana, visto que tem capacidade de eternizar um acontecimento histórico. O poema proporciona ao leitor contato com o instante que foi consagrado pela poesia, fazendo com que o este reflita sobre a sociedade.

Durante todo o poema o eu lírico pretende persuadir seu público-leitor e chamar a atenção para os problemas sociais que estão sendo representados, fazendo indagações e propondo reflexões acerca do verdadeiro responsável pela fome no Brasil. Isto se faz presente em: “Quem é que rouba a esse homem/ o cereal que ele planta/ quem come o arroz que ele colhe/ se ele colhe e não janta/ Quem faz café virar dólar/ e faz arroz virar fome/ é o mesmo que põe a bomba/ suja no corpo do homem”.

Em seguida, o eu lírico convida o leitor a fazer algo diferente. Além de pensar sobre essas questões, é necessário tomar atitudes para mudar essa realidade: “Mas precisamos agora/ desarmar com nossas mãos/ a espoleta da fome/ que mata nossos irmãos/ Mas precisamos agora/ deter o sabotador/ que instala a bomba da fome/ dentro do trabalhador”. Ao usar o vocábulo “sabotador” observa-se um tom agressivo na voz do eu lírico, pois este indica que produzir a fome é uma ação intencional.

Contudo, não há presença de um discurso de ódio contra o grupo que está sendo criticado, mas sim a importância de que é necessário construir a esperança. Esta ideia se faz presente na última estrofe do poema: “E sobretudo é preciso/ trabalhar com segurança/ para dentro de cada homem/ trocar a arma da fome/ pela arma da esperança”. Em suma, este poema evoca a esperança e o desejo de eliminar a fome, aniquilando a bomba suja por meio da resistência.

Por conseguinte, observa-se no poema a presença dos valores e antivalores: “flor” e “dor”, “sabotador” e “trabalhador” que reafirmam o compromisso do poeta com a representação da realidade que está sendo retratada e a resistência por meio da conscientização da leitura. Sob esse viés, Candido afirma a importância de analisar o conteúdo social das obras para entender em que medida a arte expressa a sociedade. Em virtude disso, a arte é definida como comunicação inter-humana, pois ocasiona no público uma espécie de efeito prático. Assim, por

meio da leitura do poema “A bomba suja” o leitor tem a capacidade de transformar sua conduta, reafirmar sua sensibilidade acerca dos valores sociais, e refletir sobre os antivalores presentes no poema: fome e condições de vulnerabilidade social.

2.3 POBREZA, SECA E INVISIBILIDADE EM “UMA NORDESTINA”

O poema “Uma nordestina”, de Ferreira Gullar, encontra-se presente no livro *Barulhos*, publicado em 1987. Para uma melhor compreensão da temática estudada, segue o poema:

Uma nordestina

1. Ela é uma pessoa
 2. no mundo nascida.
 3. Como toda pessoa
 4. é dona da vida.

 5. Não importa a roupa
 6. de que está vestida.
 7. Não importa a alma
 8. aberta em ferida.
 9. Ela é uma pessoa
 10. e nada a fará
 11. desistir da vida.
 12. Nem o sol de inferno
 13. a terra ressequida
 14. a falta de amor
 15. a falta de comida.
 16. É mulher é mãe:
 17. rainha da vida.

 18. De pés na poeira
 19. de trapos vestida
 20. é uma rainha
 21. e parece mendiga:
 22. a pedir esmolas
 23. a fome a obriga.
 24. Algo está errado
 25. nesta nossa vida:
 26. ela é uma rainha
 27. e não há quem diga.
- (GULLAR, 1999, p. 345-346)

No poema apresentado, observa-se a estruturação de vinte e sete versos divididos em três estrofes organizadas em redondilhas menores. Nota-se o uso da linguagem coloquial que se aproxima da vida cotidiana do leitor, ausência de vírgulas e a predominância do paralelismo sintático em algumas estrofes. A representação da figura feminina retratada no poema traz

consigo a essência do significado de ser nordestina. O eu lírico descreve uma personagem forte e autônoma: “Ela é uma pessoa no mundo nascida./ Como toda pessoa/ é dona da vida”.

A caracterização da mulher nordestina retratada no poema denuncia a miséria, a desigualdade social e a falta de políticas públicas em regiões menos favorecidas. O eu lírico a descreve como uma pessoa guerreira que, apesar dos pesares, enfrenta todos os obstáculos da vida de cabeça erguida em busca de condições melhores para si e sua família. Conforme observa-se na segunda estrofe: “Não importa a roupa/ de que está vestida./ Não importa a alma/ aberta em ferida./ Ela é uma pessoa/ e nada a fará/ desistir da vida./ Nem o sol de inferno/ a terra ressequida/ a falta de amor/ a falta de comida./ É mulher é mãe:/ rainha da vida”. Percebe-se a presença de aspectos positivos quanto à personalidade, bem como os valores que esta mulher possui.

Como vimos em Bosi, os valores e antivalores são mecanismos necessários para reafirmar a importância da literatura e sua aproximação com a realidade. Assim, como o exposto em “A bomba suja” a leitura do poema “Uma nordestina” evoca a presença dos antivalores: fome, seca, miséria e discrepância social. O público-leitor passa a refletir sobre o contexto social e a sociedade em que está inserido. Observa-se que o artigo indefinido “uma” presente no título do poema refere-se a várias mulheres nordestinas que se encontram em situações de extrema pobreza, enfrentando a fome, a seca e a exclusão social.

Sob esse viés, Adorno assevera que o poema evoca uma voz coletiva. Deste modo, representa um determinado grupo, das mulheres pobres e nordestinas, fazendo com que o poema “Uma nordestina” se distancie da subjetividade do poeta concedendo à poesia um aspecto social e tornando-a elemento de denúncia social. Nos primeiros versos da terceira estrofe: “De pés na poeira/ de trapos vestida/ é uma rainha/ e parece mendiga:/ a pedir esmolas/ a fome obriga”. O eu lírico atribui a essa mulher características relacionadas a sua aparência física: uma personagem pobre que não possui calçados e roupas dignas para usar.

Ainda na última estrofe: “Algo está errado/ nesta nossa vida/ ela é uma rainha/ e não há quem diga”. O eu lírico faz uma crítica à visibilidade das pessoas de acordo com a classe social a qual elas pertencem. A personagem descrita no poema é marcada pela pobreza e se torna nitidamente invisível para todos ao seu redor. Nota-se que o poema “Uma nordestina” se torna resistente na medida em que revela para seu público-leitor questões sociais que precisam ser discutidas. De acordo com Bosi, a resistência imanente da escrita é aquela que não pode ser dissociada da realidade vivenciada dentro de um determinado contexto social. Ademais, o poeta se encontra em um estado de tensão e não consegue negligenciar situações que precisam ser resolvidas.

Conforme Rian Silva e Golbery Rodrigues no artigo “O Nordeste nas artes: a figura do feminino em: “Uma nordestina”, de Ferreira Gullar”, o poema apresenta uma dualidade com lados antagônicos: pobreza material e riqueza de personalidades e valores. Se por um lado a pobreza material está relacionada à vestimenta da personagem e sua caracterização de mulher pobre, que possui aparência física de mendiga e se encontra na obrigação de pedir esmolas para alimentar-se. Por outro, a riqueza de personalidades relaciona-se à força, à esperança de dias melhores e ao otimismo desta mulher nordestina (SILVA; RODRIGUES, 2021, p. 06).

Sob esse viés, conforme Paz, o poeta consegue consagrar através da poesia um momento vivenciado pela sociedade brasileira. O poema representa a realidade e o comportamento humano diante de situações reais atemporais. O leitor consegue captar significados que surgem além das palavras. Em virtude disso, para Candido, a poesia tem a capacidade de proporcionar uma espécie de comunicação entre determinados grupos sociais, ocasionando por meio desta um efeito prático em seus leitores. Assim como no poema anterior, a leitura de “Uma nordestina” pode proporcionar ao público leitor mudanças de comportamentos e reflexões acerca dos problemas sociais que continuam na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou os poemas “A bomba suja” e “Uma nordestina”, de Ferreira Gullar, por meio de uma perspectiva sociológica de estudos realizados através da literatura. O objetivo geral foi analisar a representação dos problemas sociais brasileiros e a resistência a partir da leitura conscientizadora dos poemas elegidos. Além disso, constatar valores e antivalores representados pelos poemas. Quanto a temática, verificou-se como a fome, desigualdade social, resistência e exclusão social se manifestam, e se relacionam, com os poemas estudados. Em virtude disso, este estudo buscou responder o seguinte questionamento: de que modo os problemas sociais brasileiros estão representados na poesia de Ferreira Gullar?

Constatou-se que o poema “A bomba suja” reafirma o compromisso do poeta com a representação da realidade e dos problemas sociais que assolam a sociedade brasileira. Por meio da conscientização da leitura, o público-leitor consegue refletir sobre o seu contexto social, sua conduta moral e sensibilidade diante dos problemas. Ademais, o poema instiga ao leitor a tomar atitudes necessárias para mudar o cenário brasileiro marcado pela fome e miséria. Dado o exposto, o poema “Uma nordestina” também provoca reflexões acerca da fome, extrema pobreza e exclusão social.

O leitor pode identificar-se com as questões sociais que estão sendo discutidas no poema, pois o poeta conseguiu imortalizar através da poesia problemas sócio-históricos. Em virtude disso, verificou-se que a poesia social de Gullar é capaz de causar efeitos em seu público-leitor, propondo mudanças de atitudes, comportamentos e possibilitando debates necessários sobre temas que, por algum motivo, acabam sendo negligenciados pela sociedade.

Ferreira Gullar deixa transparecer em sua poesia tensões ideológicas que evidenciam a preocupação do poeta com as mazelas da sociedade brasileira. Assim, revela para seu público uma produção literária capaz de despertar o pensamento crítico, e concomitantemente, o sentimento de mudança. Nota-se que os poemas analisados têm como objetivo a representação da realidade e do comportamento humano. O autor utiliza a ficção para retratar acontecimentos importantes vivenciados pela maioria da população brasileira. Sob esse viés, o poeta pretende conscientizar o leitor sobre os problemas sociais que arruinam a sociedade, tencionando alterações no cenário social vigente. Por conseguinte, os antivalores representados nos poemas são pontos para reflexões e discussões na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2006.

GULLAR, Ferreira. *Barulhos*. Rio Janeiro: José Olympio, 2013.

GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

SILVA, Rian Lucas d; RODRIGUES, Golbery O. C. A. *O Nordeste nas artes: a figura do feminino em “Uma nordestina”*, de Ferreira Gullar. EVIDOSOL/CILTec. online, v. 10, n.1, 2021.

Recebido em: 20/01/2023

Aprovado em: 15/04/2023

Publicado em: 04/08/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_4